



“Quando os bancos americanos calculam nossas taxas de juros já incluem a parcela do Imposto de Renda que pagarão. Portanto, o Brasil paga, indiretamente, IR ao Governo de Washington”

RUBEM MEDINA, Deputado federal do PDS

Rubem Medina levará aos EUA sugestões para a renegociação

No próximo dia 14 o Deputado federal Rubem Medina (PDS-RJ) embarca para os Estados Unidos levando uma série de sugestões para a renegociação da dívida externa brasileira. Em outubro do ano passado, o Deputado esteve em Washington onde fez conferência na Universidade John Hopkins e conversou com parlamentares americanos sobre a situação econômica brasileira diante da dívida externa. Sua tese de que a dívida deve ser negociada de Governo a Governo ganhou adeptos no Senado e na Câmara dos Estados Unidos. Medina, que já foi, por duas vezes, Presidente da Comissão de Economia da Câmara dos Deputados, considerou este trabalho como um esforço para mostrar a realidade brasileira no exterior.

O GLOBO — Qual seria a fórmula para a renegociação da dívida externa brasileira?

Rubem Medina — Negociação de Governo a Governo é o primeiro passo. Está certo que os detalhes técnicos ficem a cargo de técnicos. Mas os pontos filosóficos, diplomáticos, jurídicos e alterações legais indispensáveis devem ser tratados por políticos. Por mais que os países desenvolvidos insistam em se manter insensíveis às negociações políticas, eles acabarão tendo que ceder.

O GLOBO — Como o senhor recebeu a notícia do aumento de 0,5 por cento na “prime rate” logo depois da reunião de Cartagena?

Rubem Medina — Mostra uma incompreensão de problemas que não são só nossos, mas também dos credores. Eles acabarão sendo prejudicados por inviabilizar o pagamento dos países devedores.

O GLOBO — Quando o senhor estiver nos Estados Unidos, no próximo mês, continuará tentando mostrar

que é inviável para o Brasil pagar a dívida nas condições atuais?

Rubem Medina — O trabalho que fiz no ano passado junto ao Legislativo americano foi importante porque serviu para dar uma visão mais realista do problema. O que mais me impressionou foi constatar o desconhecimento dos americanos em relação à nossa realidade. É preciso ir lá, conversar, promover a imagem do Brasil, mostrar que os investimentos aqui são viáveis e dar sugestões.

O GLOBO — Seria uma espécie de ‘marcação corpo-a-corpo’?

Rubem Medina — Exatamente. Todos os interessados na questão, sejam parlamentares, industriais ou executivos, devem ir lá e colocar francamente seus problemas, os problemas do Brasil. Mostrar que só pagaremos a dívida produzindo, e não gerando cada vez mais recessão.